

IGREJA DOS POBRES E CRISTIANISMO DA LIBERTAÇÃO NO NORDESTE: EXPRESSÕES ONTEM E HOJE

CHURCH OF THE POOR AND LIBERATION CHRISTIANITY IN THE
NORTHEAST: EXPRESSIONS YESTERDAY AND TODAY

*Flávio Lyra de Andrade**

*José Afonso Chaves***

Por que se debruçar sobre a temática da Igreja dos pobres, ou sobre suas abordagens, assunto já tão explorado e distante no tempo, uma vez que os bispos que impulsionaram tal empreendimento já morreram quase todos e não tiveram seguimento, ou, mais que isso, seus projetos foram interditados pelo centralismo papal romano? Na história da Igreja observam-se ondas curtas e longas de movimentos de renovação espiritual e/ou eclesial que se levantam contra as estruturas de poder religioso exercido; são ciclos de reforma. A Igreja dos Pobres é um deles.

São iniciativas que buscam voltar às origens do cristianismo, ao testemunho do Movimento de Jesus, às comunidades primitivas do cristianismo, experiências religiosas de grupos de escravos, gentios, pobres reunidos na liberdade, movidos pela solidariedade, pelo sentimento e consciência ética igualitária de serem parte do Povo de Deus. Ao final da primeira década do século XXI, em meio a grande crise de gestão e credibilidade da Cúria Romana da Igreja Católica, o Papa Bento XVI renunciou. Foi

* Doutor em Sociologia (UFPE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9286329222257353>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7010-6797>. E-mail: flyraa@globo.com.

** Doutor em Sociologia (UFPE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1258524189978551>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8735-524X>. E-mail: afonso.chaves@unicap.br.

eleito um bispo vindo da América Latina, Jorge Mario Bergoglio, que assumiu o nome de Francisco, inspirado na ideia de que é hora de lembrar dos pobres, e de fazer uma Igreja dos pobres e para os pobres.

O Papa Francisco vem seguindo a tradição libertadora da Conferência de Medellín em sua opção pelos pobres, para a realização de sua missão como Igreja servidora no continente e no mundo. Em seu papado, busca dar testemunho pessoal dos compromissos firmados por bispos que se reuniram para firmar o Pacto das Catacumbas, que se propunha a ser uma igreja pobre e comprometida com os pobres, a justiça e a paz. A crise eclesial continha também conflitos entre perspectivas de modelos eclesiais e teológicos.

É assim que em sua primeira encíclica – *Evangelii Gaudium* – o Papa Francisco retoma o curso da Igreja dos pobres proposto por Medellín. Ao mesmo tempo, buscou diálogo com os movimentos sociais populares, dando visibilidade à preocupação e aos impasses gerados pela desigualdade socioeconômica, agudizada pela globalização neoliberal.

Em 2019, quando da realização do Sínodo dos Bispos para a Amazônia, estimulado pela reflexão proposta pela Encíclica *Laudato Si*, lançada em 2015, foi pautada a questão da crise climática planetária e, nessa, o lugar da Amazônia para a sobrevivência da humanidade. Durante o evento, alguns bispos e participantes realizaram, no mesmo local, novo Pacto das Catacumbas: renovaram aqueles compromissos e acrescentaram o cuidado com a Amazônia e o meio ambiente.

Nesse sentido, este número da *Paralellus* traz um dossiê sobre a Igreja dos Pobres. Os artigos selecionados tratam da intelectualidade católica, de experiências pastorais, políticas e culturais, enxergadas como expressões da Igreja dos Pobres, que comportou um macroecumenismo político e religioso, ousado à época, e que ainda se faz presente quando é recriado na prática de cristãos na Igreja Católica e/ou na sociedade hoje.

Iniciamos com o artigo “Humberto Plummen: um sociólogo educador da Igreja dos Pobres no Nordeste”, escrito por Flávio Lyra de Andrade e José Afonso Chaves. Esse texto, ao apresentar o itinerário daquele sociólogo e educador, possibilita ter uma

visão panorâmica de parte da história da Igreja dos Pobres em Olinda e Recife e no Regional da CNBB NE2, através de experiências de formação teológica e pastoral, em especial do Instituto de Teologia do Recife e do Departamento de Pesquisa e Assessoria, que possibilitavam acessar debates acerca de tensões existentes entre correntes teológicas e eclesiológicas que se fizeram presentes no contexto socioeclesial.

Um texto sobre o pensamento progressista católico, escrito pelo sociólogo e cientista político José Artigas de Godoy, tem um título que traduz bem sua abordagem: “Pensamento progressista católico latino-americano e a igreja dos pobres: de Dom Helder Camara ao Papa Francisco”. Ele traça uma breve genealogia do que chama pensamento progressista católico no Brasil, e registra as influências sofridas por Dom Helder, em particular pelo Movimento de Economia Humana, de Lebrecht, mas também de Cardijn, que lhe chegou através da experiência de assistente da Ação Católica especializada. Compara, então, a participação de Dom Helder no interior do movimento da Teologia da Libertação com a influência de outra corrente que marcou o pensamento do Papa Francisco: a Teologia do Povo.

Um artigo sobre a Comissão Pastoral da Terra (CPT), foi escrito por Vasni de Almeida e Janildes Cursino Sarzêdas: “Memórias de evangelizações junto aos pobres na diocese de Porto Nacional-TO (1978-1985)”. Nele são narrados fatos da perseguição e violência sofridas por padres e freiras da diocese de Porto Nacional, hoje estado do Tocantins. O bispo à época, Dom Celso, era presidente da CPT no Regional da CNBB em que se localiza a diocese que administrava. O trabalho usa o recurso da memória oral e ressalta a visão dos/a entrevistados/a sobre o engajamento deles e da diocese com os camponeses,

Outro artigo que fala sobre a história da CPT, escrito pelo historiador Samuel Carvalheira de Maupeou, tem por título “A Comissão Pastoral da Terra em Pernambuco: tensões e descontinuidades (1988-1998)”. O texto aborda a transição do formato organizativo de pastoral rural para a CPT, da equipe responsável pela ação pastoral junto à questão agrária no Regional da CNBB NE2, discorrendo acerca de como ela ocorreu enquanto parte da crise eclesial instalada na Arquidiocese de Olinda

e Recife e no Regional da CNBB, no bojo dos acontecimentos ligados à sucessão de Dom Helder.

A historiadora Mariana Penna apresenta o texto “Encontros de libertação: o Movimento de Evangelização Rural e o Encontro de Irmãos”. Aqui identificamos, novamente em pesquisa histórica, a transição de modelo ocorrida no âmbito da estrutura organizativa da evangelização, agora junto à população das periferias da cidade, com o nascimento das CEB’s e as transformações ocorridas no interior das organizações da Ação Católica especializada. Ela relata o processo de colaboração do Movimento de Evangelização Rural, criado a partir da articulação de ex-militantes da Juventude Agrária Católica, com o Movimento Encontro de Irmãos – que foi a forma que ganharam as Comunidades Eclesiais de Base na dinâmica do organograma da Arquidiocese de Olinda e Recife.

A inserção da Igreja dos pobres no mundo do trabalho também é discutida por dois trabalhos. Temos o artigo “Profetismo da igreja católica nos anos 1970 e 1980 no Brasil: as contribuições para uma economia popular solidária”, escrito pelo filósofo e cientista político Roberto Silva. Como bem traduz o título, trata da contribuição da igreja do Nordeste para formulação e experimento de ações visando ao enfrentamento da seca em torno de proposições de desenvolvimento sustentável para o semiárido. Faz isso relacionando e ressaltando a contribuição da *Cáritas* no processo de constituição de iniciativa de economia popular solidária.

As sociólogas Carmen Silva e Sophia Branco, em “A luta das trabalhadoras domésticas, a Igreja dos pobres e o feminismo popular: a formação de um campo político contado a partir da trajetória de Lenira Carvalho”, relacionam a origem da ex-militante jocista a um feminismo popular. Chamam atenção para seu pensamento ético-político de denúncia e luta contra o lugar de subordinação da categoria no mundo do trabalho e na sociedade, devido as relações patriarcais e de exploração que regem, em grande medida, a cultura brasileira.

Júlia Benzaquen e Luís Antônio Soares em “A Associação Trapeiros de Emaús no Recife: enfrentamento ao racismo de mãos dadas com a Teologia da Libertação”, fornecem informações históricas sobre a origem da associação no Recife e tratam da difícil realidade de desemprego da juventude negra, que sofre o racismo institucional,

a partir de uma perspectiva de valorização e diálogo com epistemologias do sul e teorias pós-coloniais.

O último artigo do dossiê a ser comentado é o do pedagogo Álvaro Pantoja, intitulado “CENAP: uma concepção e uma experiência de fazer educação/formação”. O Centro Nordestino de Animação Popular, semelhante aos Trapeiros, nasceu como uma resposta à crise eclesial de fins dos anos 1980, e assumiu a missão de dar continuidade, pelo menos inicialmente, a processos de assessoria e formação teológico-pastoral e política a militantes de pastorais e movimentos sociais do campo do cristianismo da libertação que antes eram, em grande parte, acompanhados pela equipe do Departamento de Pesquisa e Assessoria.

No mundo de hoje, em um contexto de fortes mudanças culturais e religiosas, reconhecidas nas formas de expressão da fé, de pluralismo religioso, de desinstitucionalização das religiões, de vivências individualizadas da religião, de bricolagem de crenças e de uma religiosidade secularizada, o que ainda ressoa, da experiência da Igreja dos Pobres, em suas múltiplas conotações, na Igreja e na sociedade? É o que tentamos discutir neste dossiê, reunindo os textos aqui apresentados.

Como desdobramento do dossiê, temos a seção Memórias e Testemunhos que traz a contribuição de figuras significativas da Igreja dos Pobres. Primeiramente, temos uma entrevista com Saulo Feitosa, que atuou no Conselho Indigenista Missionário, realizada por Lara Erendira de Andrade, Manuela Schillaci e Alexandre Gomes. O relato de sua trajetória revela a decisiva opção da Igreja do Regional NE II com a causa indigenista.

O Padre Reginaldo Veloso faz um relato de sua trajetória de compositor de músicas litúrgicas populares através de seu “Em busca de um canto litúrgico enraizado na vida e na cultura do povo e na Tradição da Igreja”, no qual rememora cinquenta anos de trabalho litúrgico.

O testemunho compartilhado por Ivone Gebara rememora seu percurso enquanto teóloga feminista em meio à Igreja dos Pobres no Nordeste, no texto “A Igreja dos

pobres hoje: bordados em torno de velhas memórias”, preparado especialmente para este número da Paralellus.

Por fim, como homenagem, republicamos um trabalho do Pe. Humberto Plummen – “Perspectivas de mudanças na Igreja e nos movimentos sociais” – apresentado em um Curso de Verão, realizado em Fortaleza, em julho de 2001, poucos meses antes de ele falecer.

Temos, ainda, nesse número da Revista, os artigos de Temática Livre, que passamos a apresentar.

Dois pesquisadores italianos nos oferecem reflexões acerca da experiência pós-conciliar da Igreja Católica. Uma, bastante recente, de Francesco Pesce, e intitulada “Come se vedesse il possibile: contributo per una *Gaudiumtheologie*”, salienta o papel eclesial do fazer teológico ao meditar sobre os escritos do Papa Francisco dirigidos aos teólogos e sobre a própria teologia e, nesse sentido, sustenta que, para Francisco, a reflexão teológica deve ser importante contributo para a convivência entre os povos. Na segunda reflexão – “Un sinodo su due ruote: testimonianza su don Vincenzo Savio, segretario del 34° sinodo fiorentino, il primo dopo il Concilio Vaticano II” – Renato Burigana, a partir de um episódio da igreja italiana ocorrido duas décadas após o Concílio Vaticano II, o 34º Sínodo da Arquidiocese de Florença (1987-1992), recupera a importância do padre Vincenzo Savio para aquele processo eclesial e, com isso, além das capacidades intelectuais e pastorais do clérigo, evidencia a vivacidade presente na recepção do Concílio por uma igreja particular e pelos agentes eclesiais daquele período.

Dois trabalhos partem da Bíblia para pensar a experiência religiosa em sua condição de mediação social. O primeiro é uma tradução do inglês de um artigo de Paul Heintzman, da Universidade Ottawa: “Reflexões cristãs sobre a relação do lazer e trabalho”. Tomando o livro do Gênesis como ponto de partida estabelece a tradição cristã como importante fundamento espiritual para o equilíbrio entre trabalho e lazer, principalmente nos dias de hoje. Já o segundo, “Os hebreus e os direitos humanos”, de autoria de Renato Somberg Pfeffer, propõe que a tensão entre opressão e libertação contida na trajetória do povo hebreu constituiu importante alicerce para a construção histórica dos direitos humanos.

Em “As primeiras trocas e representações coletivas como elementos de compreensão das negociações com o sagrado na contemporaneidade”, Michel Justamand, Fátima Flores de Vargas e Leandro Paiva discutem a dimensão antropológica do dar e receber, para além do reducionismo econômico presente em literatura recente, quando analisam o fenômeno religioso contemporâneo, sobretudo o neopentecostal e, desde Mauss e Durkheim, demonstram como essa relação de troca sempre esteve presente na experiência do sagrado.

O trabalho de Adriano Furtado Holanda e Karine Costa Lima Pereira, “Religião e espiritualidade no campo da saúde: questões sobre a educação superior”, assume a religião como componente central da sociabilidade dos brasileiros e brasileiras e, por isso, investiga o lugar da religião e da espiritualidade nos cursos superiores da área de saúde no país. Valendo-se de ampla literatura que enfoca a relação religião, espiritualidade e saúde, demonstram que ainda há pouca inserção das primeiras nos processos de formação da última e indicam que isso ocorre, sobretudo, porque os agentes implicados nos processos de formação na área da saúde não se percebem preparados para aprofundar essa relação.

Desejamos uma boa leitura aos interessados nos temas dos trabalhos supracomentados. Igualmente expressamos gratidão aos articulistas e pareceristas *ad hoc*.